



Eixo: Movimentos Sociais e Serviço Social.

Sub-eixo: Movimentos Sociais e lutas de classes - contexto nacional e internacional.

ACIRRAMENTO DA LUTA DE CLASSES NO BRASIL COM O PT NA PRESIDÊNCIA: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO REACIONÁRIO TRANSMUTADO EM “ANTIPETISMO” E A INCIDÊNCIA NO SERVIÇO SOCIAL

JOSEFA BATISTA LOPES¹

Resumo: Estudo sobre luta de classes no Brasil realizado através de pesquisa teórica e fontes secundárias, orientado pela hipótese de que a ascensão do Partido dos Trabalhadores à Presidência da República e a reeleição por três mandatos consecutivos em meio ao avanço do conservadorismo reacionário, com a mediação da mídia tradicional, alimentou o *acirramento* da luta de classes transmutado em “*antipetismo*”, mas tendo como alvo efetivo avanços civilizatórios históricos, expressos em direitos da classe trabalhadora; e, assim, tendo como alvo toda a esquerda, com ampla penetração nas instituições da sociedade e, portanto, incidindo nas práticas sociais, das quais o Serviço Social.

Palavras-chave: luta de classes; conservadorismo reacionário; Partido dos Trabalhadores; direitos civilizatórios; Serviço Social

INTENSIFICATION OF CLASS STRUGGLE IN BRAZIL WITH PT IN THE PRESIDENCY: THE ADVANCE OF REACTIONARY CONSERVATISM TRANSMUTED INTO "ANTIPETISM" AND THE INCIDENCE IN SOCIAL WORK

Abstract: A study of class struggle in Brazil conducted through theoretical research and secondary sources, guided by the hypothesis that the rise of the Workers' Party to the Presidency of the Republic and re-election for three consecutive terms in the midst of the advance of reactionary conservatism, with the mediation of the traditional media, fueled the intensification of the class struggle transmutated into "antipetism", but targeting historical civilizational advances, expressed in working class rights; and, thus, targeting the entire left, with wide penetration in the institutions of society, and, therefore, focusing on social practices, of which Social Work.

Keywords: class struggle; reactionary conservatism; workers' party; civil rights; Social Work

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte das profundas transformações nas relações sociais que vêm se manifestando no Brasil, desde as eleições de 2014, quando ganha visibilidade um profundo *acirramento da luta de classes no país com o avanço do*

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: <josefablupes@uol.com.br>

conservadorismo reacionário transmutado em “antipetismo”, no contexto do avanço do conservadorismo reacionário em todo o mundo, como uma expressão da atual fase do capitalismo sob a hegemonia do capital financeiro e a ideologia neoliberal. Ainda que os movimentos desse período sejam a referência, não se trata de um trabalho apenas sobre conjuntura. E nesse sentido procuro seguir a orientação de Gramsci no que ele define como “princípios de metodologia histórica” (GRAMSCI, 2000, p. 36) no estudo da estrutura.

[...] no estudo de uma estrutura devem-se distinguir os movimentos orgânicos (relativamente permanentes) dos movimentos que podem ser chamados de conjuntura (e que se apresentam como ocasionais, imediatos, quase acidentais). Também os fenômenos de conjuntura dependem, certamente, de movimentos orgânicos, mas seu significado não tem um amplo alcance histórico: eles dão lugar a uma crítica política miúda, do dia-a-dia, que envolve os pequenos dirigentes e as personalidades imediatamente responsáveis pelo poder. Os fenômenos orgânicos dão lugar à crítica histórico-social, que envolve os grandes agrupamentos, para além das pessoas imediatamente responsáveis e do pessoal dirigente". Quando se estuda um período histórico, revela-se a grande importância dessa distinção. (GRAMSCI, 2000b, p. 36)

A conjuntura eleitoral de 2014 e pós-eleitoral no Brasil, com a candidatura, reeleição e posse de Dilma Rousseff à Presidência do país, é marcada pelo aprofundamento da crise econômica e pela disputa política no país quando a economia, assentada na valorização das commodities, é comprimida e repercute, mais intensamente nesse momento, a grande crise mundial do capitalismo de 2008². Mas, com apoio no pensamento de Gramsci, segundo o qual ainda que a economia seja determinante em última instância, a ideologia tem autonomia relativa e por isso é também determinante³, é na ideologia e na política que busco e aponto as primeiras indicações de análise sobre o acirramento da luta de classes no país com o avanço do conservadorismo reacionário

²A crise “começou nos Estados Unidos com as transações de alto risco do Banco Federal Reserve (FED), o Banco Central estadunidense, expandiu-se para o resto das economias desenvolvidas e foi atenuada no país de origem (KATZ, 2016, p. 385). No Brasil não se manifestou intensamente no primeiro momento. O país teve o PIB rebaixado em 2009, em relação aos anos anteriores do governo Lula, mas logo em 2010 alcançou um PIB de 7,5 %, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Isto animou o Presidente do Brasil, Luís Inácio da Silva, dirigindo-se às massas sobre os efeitos da crise no país, utilizar uma metáfora para definir a crise no Brasil como “marolinha”, enquanto, segundo ele, foi um “tsunami” em outros países; ainda que, dirigindo-se a grupos de poder econômico e político, internos e externos, demonstrasse compreensão da complexidade e profundidade da crise e das estratégias para enfrentá-la, conforme demonstra Fausto Neto (2011, p. 403).

³ Esta concepção de Gramsci está presente em todos os Cadernos do Cárcere, mas é formulada, fundamente: no Caderno 10 (1932-1935), A Filosofia de Benedetto Croce; no Caderno 11 (1932-1933), Introdução ao Estudo da Filosofia e no Caderno 22 (1934) sobre Americanismo e Fordismo (GRAMSCI, 1999; 2001)

transmutado no “*antipetismo*” que, com a mediação da mídia tradicional logrou destituir a presidente recém eleita e empossada, através de impeachment, em 2016. Com a clareza de que se trata de um movimento que vem penetrando toda a vida social, o Estado e algumas das instituições mais fundamentais da sociedade, tais como, segundo Mészáros (1993, p. 39), a religião, a educação e a família, procuro e aponto pistas de análise sobre a incidência desse movimento no Serviço Social, como profissão. E, com a clareza de que essa incidência ocorre de modo diferenciado sobre essas dimensões, em função das particularidades das mediações próprias de cada uma delas, a partir das quais a profissão responde a demandas que lhe são apresentadas nas condições postas com o avanço do conservadorismo reacionário, atenta às contradições próprias de todo movimento da sociedade e às contradições próprias da profissão. Com essa compreensão ressalto a necessidade de resistência dos sujeitos dessa profissão as (os), assistentes sociais, na defesa do Projeto Ético-Político Profissional, construído e consolidado durante o último ciclo de lutas emancipatórias no país⁴ com deflagração nesse movimento, no chamado “Congresso da Virada”⁵, orientado para a necessidade histórica de emancipação da classe trabalhadora e de toda a humanidade.

O trabalho foi desenvolvido considerando dois grandes eixos. O primeiro discute o conservadorismo reacionário como expressão da luta de classes que está na base da formação do *antipetismo* e vem se constituindo desde a origem do Partido dos Trabalhadores – PT, mas se acirra na eleição do partido, em 2014, para o quarto mandato à presidência, atingindo seu ápice no golpe de Estado desferido no Brasil com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff, em 2016. Parte de uma discussão fundante sobre classe e luta de classe na atual fase do capitalismo com a flexibilização das relações de produção e de trabalho sob a ideologia neoliberal e a hegemonia do capital financeiro, considerando a especificidade no Brasil na atualidade; e avança com uma discussão sobre o conservadorismo reacionário e a radicalização da direita, transmutada em “antipetismo”, com a mediação da mídia tradicional no movimento do golpe de Estado de 2016, ressaltando a corrupção como fato e como *farsa* no impeachment da presidente

⁴ Segundo LOPES (2012, p.213) este ciclo de lutas emancipatórias tem início com “a erupção do movimento operário brasileiro em 1978” (FREDERICO, 1991, p.11) e seu esgotamento se encerra em 2006, coincidindo com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores – PT, em 2002, à Presidência da República e o exercício de seu primeiro mandato de 2003 a 2006.

⁵Realizado em 1979, em São Paulo, o III Congresso de Assistentes Sociais marca o momento de deflagração do movimento de construção do Projeto Ético-Político Profissional, sintetizando e dando organicidade a um processo que já vinha em curso desde a metade da década de 60 do século XX sob a influência do Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina e da participação nele da profissionais de Serviço Social brasileiro.

Dilma Rousseff. O segundo eixo apresenta elementos de discussão sobre a sustentação do Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social no Brasil, em meio às lutas de resistência e enfrentamento ao avanço do conservadorismo no país, como desafio. E por fim faço algumas considerações finais retomando a hipótese orientadora do trabalho.

2. LUTA DE CLASSES E CONSERVADORISMO REACIONÁRIO NA FORMAÇÃO E ACIRRAMENTO DO ANTIPETISMO: da constituição do PT ao impeachment da Presidente Dilma Rousseff

O avanço do conservadorismo reacionário é um fenômeno mundial sob a ideologia neoliberal e a hegemonia do capital financeiro que caracterizam a atual fase do capitalismo com a flexibilização das relações de produção e de trabalho e sua manifestação no Brasil, na intensidade que se apresenta hoje, expressa uma dinâmica contraditória de penetração tardia no país⁶. Trata-se de um movimento que, como parte e conteúdo da ideologia neoliberal se inscreve na luta de classes, daí porque no desenvolvimento deste item parto com alguns elementos de análise sobre classe e luta de classes na atual fase do capitalismo sob a ideologia neoliberal e a hegemonia do capital financeiro, destacando a particularidade da sociedade brasileira na condição definida por Chico de Oliveira (2003, p. 121) de Ornintorinco na qual o Brasil nas circunstâncias de *neo-atraso* operou, desde o início de seu processo de industrialização, ou mais precisamente, desde “o fim da hegemonia agrário-exportadora e o início da predominância da estrutura produtiva de base urbano-indústria” (OLIVEIRA, 2003, p.35), uma profunda transformação com um grande salto das forças produtivas, mas mantendo os traços herdados do subdesenvolvimento. E neste aspecto é importante lembrar que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob

⁶ Ou seja, quando essa tendência iniciou seu movimento de globalização, em 1979, com a eleição de Margareth Thatcher, na Inglaterra e de Ronald Reagan, em 1980, nos Estados Unidos, o Brasil estava iniciando um ciclo de lutas emancipatórias, tendo como uma de suas principais referências as lutas operárias do ABC paulista⁶, mas espalhadas em todo o país, inclusive no campo, articulando luta econômica e luta política no enfrentamento à ditadura militar, vigente no país desde o golpe militar de 1964. Um movimento no qual a Igreja Católica exerceu forte influência na cidade e no campo, através da Teologia da Libertação, uma corrente da Igreja que ganhou força na América Latina, atuando nas comunidades Eclesiais de Base⁶. É nesse ambiente de luta de classe e popular e a partir dela que o Partido dos Trabalhadores – PT é fundado em 10 de fevereiro de 1980 logo seguido pela fundação da Central Única dos Trabalhadores – CUT, em 28 de agosto de 1983 e da criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais – MST, em janeiro de 1984.

circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1974, p.17)

2.1. Classe e luta de classe na atual fase do capitalismo sob a ideologia neoliberal e a hegemonia do capital financeiro

A análise apresentada neste trabalho vai contra uma tendência que ganhou força no pensamento intelectual e político a partir da segunda metade do século XX e, sobretudo, no final desse século, com a globalização da atual fase do capitalismo sob a ideologia neoliberal e a hegemonia do capital financeiro, ao mesmo tempo em ocorria a completa derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS que marcava o fim da experiência de “socialismo real” nesses países e o fim da guerra fria travada entre a URSS e os Estados Unidos, desde a Segunda Guerra Mundial, quando emergiram como superpotências mundiais (HOBSBAWM, 1995, p. 223). Nesse movimento ganharam força as teses do “fim das grandes narrativas”, das quais a mais destacada é a luta de classes, como se não houvesse mais divisão de classes; do “fim da ideologia” e o “fim do socialismo”⁷, já como resultado do movimento de reação conservadora em relação aos movimentos revolucionários com centralidade no proletariado que cresceram na Europa desde a metade do século XIX e foram, de alguma forma, sintetizados pela Revolução Russa de 1917⁸. Mas o movimento concreto das classes se encarregaram de negar essas teses ainda que manifestando profundas *metamorfoses nas classes* e, em consequência na luta de classes que impõem uma exigência de atenção especial para as *especificidades da identidade*, seja das classes trabalhadoras, dominadas e humilhadas, seja da burguesia a classe dominante, no âmbito das transformações que vêm ocorrendo

⁷ Estas idéias foram expostas em uma vasta bibliografia divulgada intensamente a partir do final da década de 70 do século XX, quando o capitalismo começou a se apresentar como vitorioso em relação à alternativa socialista que, em sua constituição na histórica luta de classes, se apresentou como possibilidade real para a humanidade, a partir da vitória da Revolução Russa, em 1917 (FERNANDES, 2014, p.294), mas cuja experiência fracassou, entrando em colapso total no final da década de 80 do século XX. Elas proliferaram e são centrais no pensamento dos ideólogos da chamada pós-modernidade, ou da “nova direita” (CUEVAS, 1989, p. 13).

⁸ Para Hich Hanley, da universidade de Quinnipiac, o Festival de Woodstock, realizado em agosto de 1969, marcou “o fim – e não o início - da revolução dos anos 60 e da contracultura” (2009). Nesta tese, defendida por muitos outros estudiosos, inclui-se já o “maio de 1968” na França em uma tendência das lutas sociais que buscava se diferenciar dos movimentos revolucionários com centralidade no proletariado que se sintetizaram na Revolução Russa de 1917, como já advertia Debord (2007, p. 168) em livro lançado em 1967.

nas sociedades de capitalismo central ou periférico; neste trabalho com atenção particular para o movimento e as *especificidades da identidade* das classes no interior das sociedades de capitalismo periférico e dependente, como é o caso da sociedade brasileira, com a clareza de que *capitalismo central e periférico* constituem uma totalidade orgânica, expressão do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo (LÖWY, 2012, p.53); em uma relação orgânica, também metamorfoseada pelas profundas transformações contemporâneas em um processo de expansão da classe burguesa pelo mundo no qual os fundamentos da sociedade burguesa estão mantidos e neles a existência das classes e da luta de classes. Segundo Marx e Engels (1988, 69)

A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, portanto todo o conjunto das relações sociais [...] O contínuo revolucionamento (Umwalzung) da produção o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo que é sólido se volatiliza, tudo que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas.

As transformações contemporâneas são uma expressão desse movimento contínuo de revolucionar todo o conjunto das relações sociais da burguesia no processo de *superação* das recentes crises do capitalismo, particularmente a crise de 74/75 (MANDEL, 1990, p.10). A dimensão foi tal que na análise dessas transformações um grupo de pesquisadores franceses coloca a pergunta que dá origem ao livro: “Uma nova fase do capitalismo?” (CHESNAIS et all. 2003).

Essas transformações, iniciadas na década de 70 do século XX, e consolidadas em todo o globo terrestre no final da década de 80 e início de 90 do mesmo século, produziram um movimento que metamorfoseou as classes sociais fundamentais modernas, “burgueses e proletários”, como entendido por MARX e ENGELS (1988, p. 66) e a relação entre elas, particularmente nos países da periferia, chegando a provocar uma diminuição do interesse dos estudiosos pelo estudo das classes sociais nesse período. Já no início daquela década Florestan Fernandes (1973, p. 34) apontava esta questão

Há um intenso debate sobre as consequências e as implicações das evoluções recentes do capitalismo, o qual visa por em cheque a utilidade do conceito de classe e a própria validade da noção de sociedade de classes. Esse debate, sob muitos aspectos pouco preciso e criador, constitui um aspecto da crise ideológica que abala o mundo em que vivemos. Os cientistas sociais, mesmo quando se proclamam “neutros” e “objetivos”, participam dessa crise e a instalam em suas análises e interpretações. Por isso, negam a existência das classes sociais na sociedade que conseguiu reunir as condições mais completas e fluidas para o seu florescimento (como sucede com os Estados Unidos em nossos dias). Ou, então, anunciam o fim das classes sociais sob a égide do próprio capitalismo,

numa época em que o capitalismo monopolista revitaliza a sociedade de classes, reorganizando-a, em escala mundial [...]

Esta reflexão de Florestan Fernandes se tornava mais aguda em função dos estudos que vinha realizando sobre as classes sociais, dos quais se destacam aqueles publicados no livro “Sociedade de Classes e subdesenvolvimento”, uma obra clássica do pensamento latino-americano, editado por primeira vez em 1968 e muitas vezes reeditada. Nesta obra, certamente uma das referências para seu exílio, durante a ditadura militar, Florestan centra sua análise no Brasil, por considerar:

A vantagem do caso brasileiro é que ele permite levar em conta, na caracterização do regime de classes no mundo subdesenvolvido, tanto os aspectos mais arcaicos quanto os aspectos mais modernos da estratificação social condicionada pelo capitalismo dependente. E, se ele não contém em si o ‘futuro das demais sociedades subdesenvolvidas’, pelo menos evidencia, com incomparável nitidez, que o regime de classes, como conexão dessa modalidade de capitalismo, concorre ao mesmo tempo para organizar internamente os interesses sócio-econômicos que produzem as classes e para dar continuidade à ‘exploração de fora para dentro’ (FERNANDES, 1981, p. 61).

O próprio Florestan já nesta obra anotou transformações que observava naquele momento no quadro do capitalismo monopolista, destacando, especificamente, o que ele chamou de “ajustamentos entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas” (1981, p.59). Segundo ele

O impacto das influências do capitalismo monopolista é tão forte que já não se pode pensar que ‘internacionalização de centros de decisão’ seja equivalente a ‘nacionalização dos interesses econômicos’ e produza autonomia de crescimento econômico, onde estejam presentes firmas que internacionalizam o fluxo do capitalismo monopolista. A própria integração do mercado latino-americano está sendo incentivada atualmente, sob esse impacto, para estruturar-se uma economia de consumo de dimensões suficientes à existência e à expansão daquelas firmas.

Um desafio que se coloca agora para os estudiosos da sociedade capitalista e em particular das sociedades de capitalismo periférico e dependente, depois de 40 anos dessa obra e dessa análise, é verificar a sua atualidade, considerando as profundas transformações operadas nas relações capitalistas, destacadamente na sociedade brasileira hoje caricaturada por Francisco de Oliveira pelo Ornitorrinco, cujo pensamento síntese, bem o destacou Schwarz (2003, p.12)

A transformação do Brasil em Ornitorrinco se completou, segundo Francisco de Oliveira, com o salto das forças produtivas a que assistimos em nossos dias. *Este foi dado pelos outros e não é fácil de repetir.* A Terceira Revolução Industrial combina a mundialização capitalista a conhecimentos científicos e técnicos, *os quais estão seqüestrados em patentes*, além de submetidos a um regime de obsolescência acelerada, que torna inútil a sua aquisição ou cópia avulsa. Do ponto de vista nacional, o desejável seria incorporar o processo no seu todo, o que, entretanto, supõe gastos em educação e infra-estrutura que parecem fora do alcance de um país pobre incapaz de investir. Nessas circunstâncias de neo-atraso, os traços herdados do subdesenvolvimento

passam por uma desqualificação suplementar que compõe a figura do ornitorrinco.

São circunstâncias que atuam sobre as classes atribuindo-lhes especificidades que têm no neo-atraso o eixo dos movimentos da burguesia e a relação que estabelece com as demais classes na sociedade: as classes médias ou pequena burguesia e, destacadamente com as classes trabalhadoras, as classes populares expropriadas, oprimidas e humilhadas. A manifestação do conservadorismo reacionário no Brasil contra avanços civilizatórios, transmutado no acirramento do *antipetismo*, difundido pela elite burguesa atrasada, com a mediação da mídia tradicional na intensidade que se apresenta hoje, levou essa classe a romper com a democracia burguesa e a Constituição da República quando, em articulação com as forças internacionais do capital financeiro, promoveu o impeachment da Presidente Dilma Rousseff, expressando uma síntese da história do Ornitorrinco (OLIVEIRA, 2003, p. 121).

2.2. O conservadorismo reacionário e a radicalização da direita transmutada em “antipetismo” com a mediação da mídia tradicional no movimento do golpe: a corrupção como fato e como farsa no impeachment da presidente Dilma Rousseff

Como dito antes, o conservadorismo reacionário no Brasil vem penetrando toda a vida social, o Estado brasileiro, em suas três instâncias de poder - Executivo, Judiciário e Legislativo - e as instituições mais fundamentais da sociedade, das quais, segundo Mészáros (1993, p. 39), a religião, a educação e a família e, na atualidade, transmutado em “*antipetismo*” acirrado com mediação da mídia tradicional e expresso em *ódio* ao Partido dos Trabalhadores e a suas principais lideranças, destacadamente a presidente Dilma Rousseff - recém eleita e empossada no início do movimento pelo impeachment - e o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, tendo a corrupção como *aparente* motivação. E por que aparente? O próprio processo de criminalização e judicialização dos acusados foi demonstrando seletividade na abordagem da questão e do julgamento. E, assim, o *fato real* da corrupção na qual o partido pode ter se envolvido foi transformado em *uma farsa*. Ou seja, o processo atual aberto no Brasil sobre a corrupção demonstra que ela é real, profunda e histórica na sociedade brasileira, com penetração nas três instâncias de poder do Estado e na sociedade civil, em uma manifestação exacerbada de um traço das sociedades capitalistas subdesenvolvidas e periféricas. Assim, se o processo indica que, com o PT no governo, várias de suas lideranças se envolveram com a corrupção, indica

também que a maioria dos partidos políticos, destacadamente os maiores, PSDB e PMDB, estão igualmente envolvidos com suas principais lideranças denunciadas. Mas as denúncias e o julgamento das mesmas avançam com maior intensidade e rapidez em relação às lideranças do PT, mediante um pacto constituído no movimento, entre as elites nacionais dominantes⁹ da burguesia, do sistema jurídico, da política e da intelectualidade com a mídia tradicional, especialmente a Rede Globo de Televisão, que exerceu e exerce um papel fundamental na formação do consenso e mobilização das massas no acirramento do *antipetismo*, penetrando todas as classes sociais com a captura, inclusive, da classe trabalhadora e de segmentos da classe média que apoiavam e eram vinculados ao PT desde a sua fundação. E nesse aspecto o conservadorismo reacionário se fortaleceu e a direita se organizou para *ganhar o apoio popular na rua*, inclusive com grupos articulados aos Estados Unidos como, segundo Diego Batista (2016)¹⁰ o “Estudantes Pela Liberdade (EPL), uma espécie de filial brasileira da Students For Liberty” que tem a Atlas Network, como principal financiadora da Students For Liberty, responsável por desenvolver programas, treinamentos e financiamento de think tanks.

Assim, a direita avançou de modo organizado sob a direção de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), o Vem Pra Rua (VPR) e o Revoltados Online (ROL) e realizou grandes manifestações populares na rua, um espaço que tem sido ocupado fundamentalmente pelas mobilizações de esquerda, embora a história do país registre a ocorrência delas em diferentes períodos. Segundo Diego Batista (2016)

elas surgem em contextos históricos específicos, como são os casos do movimento integralista na primeira metade do século XX e dos movimentos por trás da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 1964, que serviu de base popular para o golpe militar. A novidade nesses movimentos está na defesa de um Estado mínimo, como é o caso do MBL e do VPR, e na forma como eles se apropriam das redes sociais, defendendo seus posicionamentos a partir de uma linguagem bastante acessível.

Apoiada nos estudos desenvolvidos sobre o Partido dos Trabalhadores – PT entendo que o *antipetismo* já vinha se formando a partir das forças conservadoras reacionárias, sempre existentes no país, desde a constituição do partido em 1980, como partido de esquerda, nascido das lutas urbanas dos operários, dos trabalhadores do campo, os camponeses e das lutas populares do cotidiano da cidade e do campo em

⁹ Tenho presente nessa discussão a ampla repercussão, mais política do que acadêmica, que alcançou o livro de Jessé Sousa, “A ELITE DO ATRASO da escravidão à Lava Jato” (2017) nos debates sobre o impeachment, mas não a contemplo aqui considerando o momento ainda preliminar de uma leitura crítica que estou fazendo.

¹⁰Diego Batista Rodrigues de Oliveira é integrante do Grupo de Estudos de Política da América Latina da Universidade Estadual de Londrina e pesquisa sobre as classes médias brasileiras e seus posicionamentos político-ideológicos

paralelo a seu avanço, com penetração ampla na sociedade; aprofundou-se ao longo de sua história, apesar das metamorfoses que operava em direção a alianças com as classes dominantes conservadoras, na economia e na política, à medida que se consolidou como partido de massa com perspectiva real de poder, ao avançar na eleição de prefeitos municipais e governadores. E, finalmente ascendeu ao poder central da República, em 2003 com a eleição para Presidente da República, em 2002, de sua principal liderança, Luís Inácio Lula da Silva, um migrante nordestino pobre que se tornou operário metalúrgico e líder sindical e político em São Paulo. Um fato de grande repercussão nacional e internacional, em particular porque “as pesquisas sobre os Estados capitalistas mostram que, no geral, a cúpula do aparelho de Estado é ocupada por indivíduos egressos da classe dominante ou das famílias abastadas de classe média (MILIBAND, Apud BOITO Jr. 2017, p. 13).

Com um claro aceno ao “mercado”, através da “Carta ao Povo Brasileiro” e com José Alencar, um representante do empresariado “bem sucedido”, escolhido como candidato a vice-presidente, as bases da conciliação de classe e de um grande giro em relação aos compromissos defendidos desde a sua criação, estavam postas e avançou a partir daí a conciliação. E como um partido que nasceu e se consolidou com o discurso da ética na política não demorou a ter algumas de suas lideranças denunciadas de envolvimento com a corrupção no que foi logo denominado “mensalão” e é nesse movimento que, com o PT na Presidência da República, são constituídas as condições de avanço do conservadorismo reacionário transmutado em “*antipetismo*”. Lula na presidência conseguiu controlar a situação, foi reeleito em 2006 e garantiu que o PT fizesse a sucessão elegendo Dilma Rousseff para a Presidência, em 2010, aprofundando a aliança com as forças políticas de centro direita, através do PMDB que indicou o candidato a vice-presidente, Michel Temer. O processo eleitoral de reeleição de Dilma Rousseff em 2014, no entanto, repôs a questão da corrupção, retomando o chamado “mensalão” que, embora as primeiras investigações ainda no primeiro mandato do PT no governo, tenham demonstrado que o método do qual foi acusado e investigado esse partido, tenha sido iniciado com o PSDB, em Minas Gerais. E ainda que o processo do “mensalão” tenha sido um forte instrumento de criminalização e judicialização da política como um todo, o movimento conservador reacionário logrou passar para o imaginário popular que o PT e suas lideranças são os corruptos por excelência, e o mensalão passou como “mensalão do PT”, marcado desde o início do processo aberto pelo

Supremo Tribunal Federal – STF por julgamento e punições de lideranças importantes do partido, como José Dirceu que teve o mandato de Deputado Federal cassado e foi preso.

Assim, travestido de antipetismo, o conservadorismo reacionário é efetivamente, contra a esquerda em geral e mesmo contra conquistas civilizatórias como a Democracia burguesa, o Estado Democrático burguês e direitos civis e de trabalho fundamentais. Essa concepção pode ser claramente identificada em cartazes conduzidos pelos participantes das manifestações do movimento “anticorrupção” e em entrevistas que concediam à imprensa. Segundo Diego Batista (2016)

O MBL e o VPR defendem pautas liberais do ponto de vista econômico, portanto, consideram fundamentais as reformas promovidas pelo governo Temer, como a PEC 55 (aprovada recentemente), a reforma da previdência e a reforma trabalhista, para a retomada do crescimento econômico. O discurso utilizado por esses movimentos, segue a mesma linha do atual governo, segundo o qual essas reformas são essenciais ao país. O MBL ataca constantemente organizações e movimentos de trabalhadores, como a CUT, o MST, MTST, entre outros que define como a extrema-esquerda.

Os fatos que se seguiram ao impeachment da Presidente Dilma, com a posse de Michel Temer na Presidência da República, com amplo apoio dos parlamentares que votaram a favor do impeachment, demonstram que a corrupção representou e representa apenas uma bandeira de mobilização das massas sensíveis e contrárias à corrupção endêmica no país. As denúncias e investigações com provas consistentes e contundentes em relação ao grupo que assumiu o governo não mereceu nenhuma atenção dos grupos e dirigentes das grandes mobilizações “anticorrupção”, assim reafirmando que no movimento pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff a corrupção de fato se transformou em farsa e ainda favoreceu o avanço do a manifestação e o avanço da extrema direita em uma tendência fascista, como destaca Marilena Chauí condições de emergência e projeção de lideranças dessa tendência, como Jair Bolsonaro, que já se apresenta candidato à Presidência da República nas eleições de 2018.

3. A SUSTENTAÇÃO DO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL EM MEIO ÀS LUTAS DE ENFRENTAMENTO AO AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO PAÍS COMO DESAFIO

No quadro complexo das transformações contemporâneas com o avanço do conservadorismo reacionário em todo o mundo, desde o final do século XX e em particular no Brasil e na América Latina como um todo, na atualidade, a resistência dos

(as) assistentes sociais em defesa do Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social no Brasil, orientado pela necessidade histórica de emancipação das classes exploradas, humilhadas e de toda a humanidade, vem se tornando cada vez mais imperativa no país.

Ainda que só uma pesquisa dirigida para uma análise rigorosa possa demonstrar a incidência no Serviço Social do avanço do conservadorismo reacionário expresso no acirramento da luta de classes e do “*antipetismo*”, especificamente no projeto ético-político profissional hegemônico na profissão, desde 1979, nas adversidades dos tempos atuais, há indicações de diversos estudos, no âmbito e fora do Serviço Social, de que essas transformações já nos governos do PT vinham enfrentando dilemas significativos à luta pela hegemonia e até à sustentação desse projeto ético-político no Serviço Social: seja pela incidência que teve a metamorfose do PT, sob os governos Lula e Dilma, em relação à luta de classe e de massa, tão fundamentais neste projeto; seja pela estratégia do governo Lula no enfrentamento da questão social, particularmente com sua política de assistência social à qual está vinculada grande parte dos (as) assistentes sociais como funcionários do Estado, o maior empregador desses profissionais; seja por processos internos das instituições que demandam a prática profissional dos (as) assistentes sociais. Em um contexto de adversidades na particularidade da sociedade brasileira e no mundo, entre os intelectuais do Serviço Social, já se fala em crise do projeto (NETTO, 2007: 37) e que sua hegemonia está em xeque (BRAZ, 2007: 4).

Se em uma análise periodizada do processo de construção desse projeto, a partir da “virada” do Serviço Social, em 1979, pode-se falar de um movimento de sua consolidação, como tendência hegemônica na profissão, até o início do século XXI, desde então se trata de *sustentá-lo*. É, em particular, a conquista da força e hegemonia do pensamento crítico, marxista, orientador da inserção profissional na luta pela emancipação das classes subalternas e da humanidade que está ameaçada, pelo avanço da reação conservadora e do movimento contra revolucionário no Brasil, em todo o continente latino-americano e no mundo.

Esse movimento tem profundas consequências para toda a vida social, em particular para as práticas sociais, vinculadas às políticas públicas sociais e às lutas sociais, como é o caso do Serviço Social. O avanço do conservadorismo reacionário, fortalecido com a ascensão ao poder central da República, golpeando a Democracia e o Estado Democrático de Direito, representa um retrocesso nas condições objetivas de avanço e até de sustentação do Projeto Ético-Político dessa profissão, orientado pela *necessidade histórica* de emancipação da classe trabalhadora. Se com o PT no governo

as condições já estavam bastante desfavoráveis ao avanço e até à sustentação do Projeto Ético-Político da profissão, certamente, com o conservadorismo reacionário, transmutado em *antipetismo* no comando da República, sustentado por um golpe de Estado, essas condições se tornam mais complexas e difíceis. Exigirá atenção e adequação de estratégias de resistência na sustentação do projeto. Neste sentido é importante e uma referência necessária à tese formulada por Marx, em O 18 Brumário, segundo a qual “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legada e transmitidas pelo passado” (MARX, 1974, p.17). E as condições engendradas pelo golpe, já nos primeiros dias de Michel Temer no governo, ainda interinamente, apontaram o rumo do projeto econômico e político que as forças que articularam o golpe, através do impeachment, pretendiam impor ao país, a partir da chamada “ponte para o futuro”¹¹, o programa do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB (2015) que já havia sido proposto à Presidente Dilma Rousseff pelo aliado maior de seu governo, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB. E, no curso do golpe, o governo avançou e continua com uma agenda garantidora do conservadorismo reacionário em três eixos de ataques considerados avanços civilizatórios: a) à democracia e o Estado Democrático de Direito; b) à soberania nacional do Brasil e do Estado Nacional; c) aos direitos conquistados ao longo da história de lutas dos explorados e humilhados da humanidade na sociedade brasileira.

Nesse processo cabe destacar os retrocessos já aprovados: a) a Reforma trabalhista e a perversa lei da Terceirização; b) a política do teto para os gastos públicos com profundo impacto na educação em todos os níveis e, em especial nas universidades, e na seguridade com o golpe de morte nas políticas de saúde e de assistência; c) a Reforma da Previdência Social em debate e pronta para ser aprovada é um capítulo especial na seguridade. Todos com profunda incidência sobre a prática profissional dos (as) assistentes sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹¹ Ver www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/.../UMA-PONTE-PARA-O-FUTURO.pdf 29 de out de 2015. Acessado em 03/07/2018

O momento vivido a partir do golpe de 2016 no país é, particularmente dramático para a sociedade brasileira pelos retrocessos que vêm ocorrendo que localizo, como acima, em três eixos de ataques: a) a democracia e o Estado Democrático de Direito; b) a soberania nacional do Brasil e do Estado Nacional; c) os direitos conquistados, ao longo da história de lutas dos explorados e humilhados da humanidade, na sociedade brasileira. Faço um especial registro em relação à Democracia e o Estado Democrático de Direitos, tão fundamentais para as lutas por avanços e conquistas democráticas e populares no pós ditadura militar (1964-1985) de modo destacado para a garantia dos avanços e conquistas asseguradas na Constituição de 1988, burguesa mas nascida de um amplo processo constituinte, embora esta venha sendo atacada desde a sua homologação e os governos do PT, sob Lula e Dilma, também deixaram sua marca. Nesse aspecto cabe destacar o papel que o Judiciário assumiu como protagonista no golpe, a partir do impeachment, uma vez que, apesar do processo montado no sentido de aparentar constitucionalidade ao ato, são inúmeras as teses jurídicas que demonstram, desde os primeiros momentos, o impeachment da Presidente Dilma Rousseff, pelo Parlamento brasileiro, como golpe de Estado (PRONNER, 2016, JINKINGS, 2016). E ademais, apesar das provas abundantes e contundentes em relação à fraude do processo de impeachment, passados dois anos, nenhum pedido de anulação foi colocado em pauta e votado.

Para os profissionais de Serviço Social é importante ter claro que o conservadorismo está na origem da profissão e no Brasil o avanço do pensamento crítico marxista não o fez desaparecer, ele perdeu a hegemonia que teve até a metade da década de 70 do século XX. E como diz Ivanete Boschetti (2015, p. 639) “no momento vem se reatualizando e se fortalecendo” e as condições objetivas em construção pelo governo do golpe são favoráveis ao avanço também na profissão.

REFERENCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BOSCHETTI, Ivanete. Expressão do conservadorismo na formação profissional. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 637-651, out./dez 2015

BRAZ, Marcelo. A hegemonia em xeque. Projeto ético-político do Serviço Social e seus elementos constitutivos. **Revista Inscrita**, Brasília, n. 10, 2007.

BOITO JÚNIOR, Armando. A corrupção como ideologia. **Crítica Marxista**, n. 44, p.9-19, 2017

CUEVAS, Agostin (Org.). **Tempos Conservadores**. São Paulo: Hucitec, 1989

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2014.

_____. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973

FREDERICO, Celso. **A esquerda e o movimento operário: 1964-1984**. v. 3: A reconstrução. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1991.

FUNDAÇÃO ULISSES GUIMARÃES. **Uma Ponte para o Futuro**. Brasília <http://pmdb.org.br/noticias/uma-ponete-para-o-futuro/>. Acesso em: 28 maio 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. Lula e a crise de 2008: fragmentos do discurso político-analisador. **Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 373-407, maio/ago. 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. (Maquiavel. Notas sobre Estado e Política, 3).

_____. **Cadernos do Cárcere**. Volume 1. Introdução ao Estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999

_____. **Cadernos do Cárcere**. Volume 4. Temas de Cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001
Hanley, Hich. O LEGADO DE WOODSTOCK ESTA EM DEBATE PASSADOS 40 ANOS. In <http://carpediem-hod.blogspot.com/2009/08/>. Acesso em: 10 set. 2018

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos GOLPE?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016

LÖWY, 2012. LÖWY, Michel. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

LOPES, Josefa Batista. Resistência de classes e o PT na construção de alternativas no Brasil. In: COUTINHO, Joana Aparecida; LOPES, Josefa Batista. **Crise do capital, lutas sociais e políticas públicas**. São Paulo, Xamã, 2012

KATZ, Claudio. **Neoliberalismo neodesenvolvimentismo socialismo**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2016.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988.

MÉSZÁROS, Istiván. **A necessidade de controle social**. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

NETTO, José Paulo; NETTO, José Paulo. Das ameaças à crise. **Revista Inscrita**, Brasília, n. 10, 2007.

OLIVEIRA, Diego Batista Rodrigues. As principais organizações por trás das organizações de direita. 2016. Disponível em:
<https://gz.diarioliberalidade.org/brasil/item/107021>

PRONNER, Carol. et. al. (Org.). **A Resistência ao golpe de 2016**. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

SCHWARZ, Roberto. Prefácio com Perguntas. In: OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SOUSA, Jessé. **A elite do atraso da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017,